

## À Guisa de Adeus

Difícil exprimir nossas homenagens por alguém que dedicou sua existência a melhorar a forma como os conhecimentos da ciência seriam recebidos por alunos e alunas em sala de aula. Eis o desafio que essas poucas linhas terão de enfrentar ao externar o apreço e carinho desta comunidade pela pesquisadora Terezinha de Fátima Pinheiro, colega de área que nos deixou em Junho último. Coube a mim a complicada tarefa de evidenciar traços de sua breve, mas marcante, trajetória na área.

Como pesquisadora em ensino de ciências, Terezinha Pinheiro participou de momentos importantes desta comunidade: foi sócia fundadora da ABRAPEC; envolveu-se na criação da área de ensino de ciências e matemática da CAPES; integrou o corpo docente responsável pela criação do Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Sem dúvida, o futuro lhe reservaria outros desafios, caso não tivesse nos deixado tão cedo.

Para falar sobre sua biografia científica, o melhor é começarmos pelo momento de sua opção pelas ciências e seu ensino --- sua paixão de viver. Aluna na turma de 1976 do curso de Física da Universidade Federal de Santa Catarina, formou-se cinco anos depois em licenciatura. Após um curto período como professora de Física em escolas da rede estadual e privada de Florianópolis, efetivou-se no Colégio de Aplicação da UFSC em 1983. Aliás, sua história de vida está intimamente ligada a esta Universidade. Em 1988, assumiu a Direção desse mesmo colégio. Em 1993, iniciou o Mestrado em Educação, na linha de pesquisa em Ensino de Ciências e Matemática. Naquele ano conheci Tê, como era chamada pelos familiares e amigos mais íntimos.

Foi com ela que iniciei minha carreira de orientador. Talvez por isso fossemos tão próximos, entretendo uma relação de trabalho e amizade por quase 15 anos. Pouco tempo depois, juntou-se a nós o colega José de Pinho, formando nossa pequena equipe de pesquisa. Pinho e Tê já eram colegas de trabalho muito antes de minha chegada na UFSC. Ele fora seu professor, amigo, colega de trabalho e mais tarde companheiro de vida. Junto a eles, encontrei algo raro nas relações acadêmicas: sinceridade, respeito, devoção, carinho, amizade e ideais compartilhados, tudo combinado na medida certa. Seu prazer no enfrentamento das questões de ensino de Física transparecia na alegria com que se dedicava às atividades dentro e fora da Universidade. Seu entusiasmo era incessante, transformando cada oportunidade de trabalho em um momento de realização pessoal. Era na função de professora que melhor se sentia, resistindo muito a deixar a

sala de aula. No doutoramento, não tardou muito a regressar ao convívio de seus alunos, ficando apenas cerca de 3 anos longe deles. Como professora de Física era exigente, pois acreditava tanto no potencial de encantamento do conhecimento físico, como na disponibilidade intelectual dos estudantes. Por isso, era respeitada, admirada e amada por seus alunos. Não por acaso, sua dissertação de mestrado versou sobre a *Aproximação entre a Ciência do aluno e a Ciência dos cientistas*, pois sabia, por experiência pessoal, que a saída para a melhoria da educação se daria pela aproximação desses mundos separados na escola.

O projeto Pró-ciências, realizado na UFSC de 1996 a 2001, foi outro ponto a ser destacado em sua trajetória acadêmica. Para além do trabalho específico com os professores participantes do projeto, para os quais ministrou disciplinas, foi co-autora de dois capítulos do livro organizado a partir dessa experiência. No primeiro deles, retomou o tema central de sua dissertação de mestrado para discutir a *modelização matemática de variáveis*. Este trabalho inspiraria uma série de outros enfocando o papel “estruturador” da Matemática no conhecimento físico, linha de pesquisa que tenho o prazer de manter ativa em minha própria pesquisa. O outro trabalho versou sobre um exercício teórico sobre o conceito de *Transposição Didática*. Este conceito, na época ainda pouco trabalhado no país, tem sido um referencial de análise importante, permitindo lidar com as especificidades da sala de aula e o respeito ao estatuto epistemológico do Saber Ensinado. Vale dizer que as temáticas ligadas à Didática Francesa foram-lhe particularmente inspiradoras. Lembro bem do dia em que recebi dela, durante um café da tarde no “bar do CED”, o pedido para que ministrasse uma disciplina sobre essa temática na pós-graduação. Ela havia convencido um grupo de alunos interessados e trazia uma lista de tópicos como sugestão. Minhas tentativas de dissuadi-la resultaram em nada. Era uma pessoa determinada, esta talvez sua característica mais marcante. Em 1998 a disciplina intitulada “Didática das Ciências” foi ministrada para um pequeno, mas ativo, grupo de alunos, dentre os quais vários atuais pesquisadores da área. Foi também nesse curso que entramos em contato com os trabalhos de Gerard Fourez sobre as *ilhas interdisciplinares de racionalidade*. O curso deu frutos inesperados com a publicação de um artigo coletivo na revista *Ensaio*. Para mim, foi a certeza de que a Didática das Ciências teria vida longa como referencial de minhas pesquisas, justamente pelo fato de se adequar tão bem aos contornos da sala de aula e ao Saber Ensinado. Não é demais enfatizar sua devoção à sala de aula, pois talvez tenha sido na Didática Francesa que ela encontrou meios de revestir sua paixão em pesquisa.

Em 1998, Tê ingressa no doutorado, e por “livre influência” de seu orientador (eu próprio) aventurou-se na seara das emoções e sentimentos ligados ao conhecimento científico. Se o tema não parecia tão afeito às suas preocupações declaradas, foi com satisfação que, relendo o prefácio de sua dissertação de mestrado, encontrei o seguinte trecho:

“Esta é uma das poucas páginas desta dissertação em que mencionarei um dos aspectos da dimensão individual do conhecimento: a afetividade. Esta página, além de deixar registrado meus agradecimentos, serve para mostrar que, embora não tenha sido foco de meu trabalho, a afetividade tem uma importância fundamental em tudo que realizamos. Até em um trabalho acadêmico. Que bom que esta página é permitida. Assim, podemos deixar registradas muitas coisas que não cabem em uma dissertação, mas que sem elas o trabalho não sairia, ou não teria "cor e vida".”

O recuo dos anos permite dizer que a escolha do tema foi profética, como se ele estivesse destinado a ela. Pois, lidar com as emoções e os sentimentos era algo que fazia com destreza, tanto no ambiente profissional como pessoal. Aqueles que tiveram a oportunidade de partilhar de sua intimidade sabiam disso.

Foi sobre a temática das *ilhas interdisciplinares de racionalidade* e da *alfabetização científica* que dispensaria os anos finais de sua produção científica. Foram cerca de nove trabalhos sobre o tema nos últimos três anos. As preocupações com a sala de aula tomaram de assalto de uma vez por todas suas pesquisas, pois cada um desses trabalhos tinha na sala de aula seu ponto de partida e de chegada.

No momento de sua partida deste mundo, deixou três orientandos que devem ter sabido extrair do breve convívio com ela, importantes lições para suas respectivas caminhadas acadêmicas.

Termino aqui esse breve relato, com a sorte de ter sido orientador e colega de trabalho de Terezinha de Fátima Pinheiro, de quem serei sempre o “menino-amigo”. Obrigado! <sup>1</sup>

**MAURÍCIO PIETROCOLA**

---

<sup>1</sup>A referência completa dos trabalhos/artigos mencionados nesta homenagem pode ser encontrado em seu currículo lattes, em <http://www.cnpq.br>. Parte desses trabalhos estão disponíveis em <http://nupic.incubadora.fapesp.br>.